

Recuperação da economia brasileira deixa bancos europeus otimistas

Instituições refazem contas de indicadores como taxa de inflação e queda do PIB. Surpresa com os novos cenários

Londres - A velocidade com que o Brasil tem conseguido recuperar sua credibilidade junto ao mercado financeiro internacional tem surpreendido os analistas das instituições financeiras, que até dois meses atrás trabalhavam com os piores cenários possíveis para o país. Analistas estão agora revendo as perspectivas das taxas de crescimento, alguns para próximo de zero, e reduzindo às taxas de inflação para um dígito apenas.

A situação estava tão volátil no momento seguinte à desvalorização do real, no final de janeiro, que muitos bancos passaram incluir em suas análises três ou quatro tipos diferentes de cenários, variando do catastrófico ao róseo. Três meses e meio depois, o banco de investimentos Standard Bank, de Londres, por exemplo, fala hoje em um crescimento negativo de 2,5% do PIB, uma significativa melhor em comparação com os -4% previstos no melhor dos cenários pós-desvalorização.

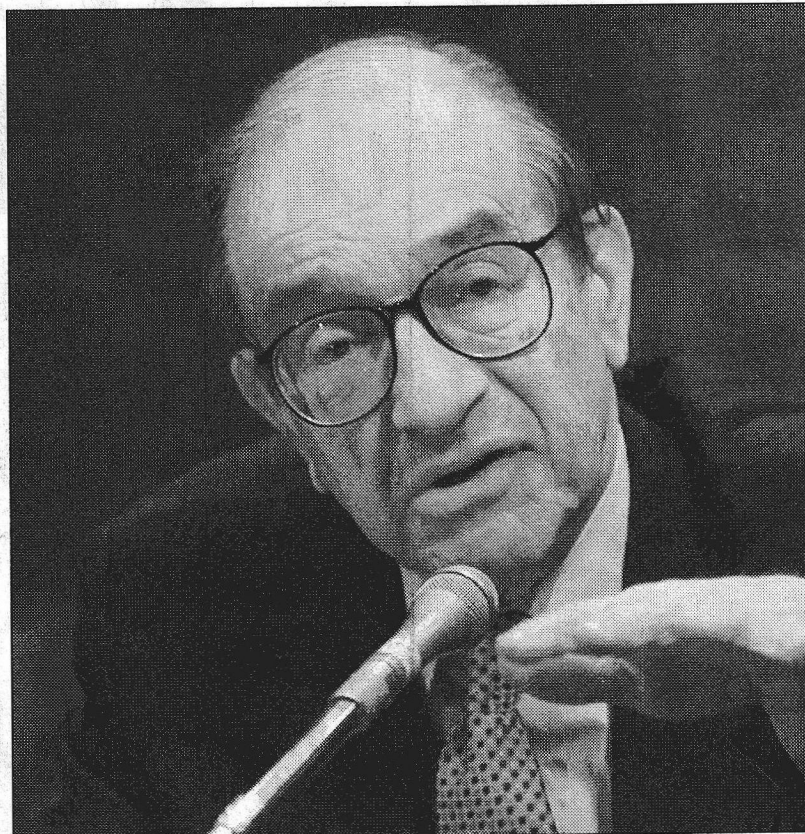
“É possível que os números

melhorem ainda mais até o fim do ano”, afirma a chefe de pesquisa de América Latina do Standard, Monalisa Guarda. Ela aponta a mudança de direção no Banco Central e a “surpreendente rapidez” com que os juros estão sendo reduzidos como um dos principais fatores a impulsionar a recuperação do Brasil. Agora, o Standard calcula que a média anual das taxas de juros ficará em 17%, três pontos a menos do que a previsão do início de abril.

A previsão para a inflação no ano também foi rebaixada, de 13 a 12% no início do mês passado, para 10%. O próximo prognóstico do Standard será divulgado no final de junho e Monalisa Guarda afirma que não descarta a possibilidade de as projeções indicarem deflação para o Brasil.

Contudo, o Brasil ainda poderá passar por algumas turbulências - ainda que pequenas. Se os Estados Unidos aumentarem os juros para fazer alguns ajustes em sua economia, como foi indicado indiretamente pelo diretor do Federal Reserve, Alan Greenspan, na quinta-feira, o Brasil e a América Latina poderão ser afetados de alguma forma. “Não será nada comparado com os efeitos da crise da Ásia e da Rússia, mas Greenspan deu um susto no mercado”, disse Guarda.

Um pouco mais cauteloso, mas ainda otimista dada sua grande exposição no Brasil e investimentos de longo prazo na região, o banco



Greenspan: Ameaças de aumentar juros nos EUA prejudicam o Brasil

espanhol Bilbao Viscaya (BBV) reduziu suas previsões para o PIB brasileiro de -4% para -3,2%. “Este continua sendo um ano duríssimo mas, dentro da perspectiva de um ano ruim, acreditamos que não vai ser tão ruim quanto o previsto anteriormente”, afirmou a economista do BBV Amália Estenssoro.

Mesmo tendo apostado em um índice já relativamente otimista para

a inflação brasileira em 1999 semanas após a desvalorização - da ordem de 12% ao ano - o BBV está prevenindo agora uma inflação de um dígito: 8,2%. Esta é a segunda revisão que o banco faz no ano, pois há um mês a previsão era de 11,2%.

MARIANA BARBOSA

Correspondente do JORNAL DE BRASÍLIA

Agências ainda estão cautelosas

A onda de otimismo dos bancos ainda não arrebou, porém, na praia das agências de classificação de risco, que continuam classificando o Brasil com um mercado de risco. Todas as principais agências, Moody's, Thomas Bank Watch, Standard & Poors e Fitch IBCA, colocam o Brasil na categoria de B simples, ainda que com um sinal de mais ou menos ao lado, mas bem abaixo do B triplo (BBB) atribuído a países como Colômbia, Chile e Argentina. O fato do Brasil já ter um histórico de moratória - ao contrário desses outros países da América Latina - é uma das explicações para isso, mas a capacidade de cumprir novas obrigações também é avaliada.

Na semana passada, a Moody's confirmou sua nota B para o Brasil (para dívida em moeda estrangeira), afirmando em seu relatório que ela reflete a “elevada vulnerabilidade do país à mudanças repentinas na confiança do investidor”. De qualquer forma, a agência prevê um cenário estável no curto prazo. A Moody's justifica a vulnerabilidade afirmando que a lentidão da recuperação da estabilidade nos mercados internacionais de capital enfraquece os fundamentos da economia brasileira, sobretudo na área fiscal.

A Moody's reconhece os “importantes esforços feitos até agora”, mas argumenta que o índi-

ce de risco continua baixo devido à grande dependência de capital externo e a um limitado crescimento das exportações, ao crescente déficit orçamentário e fiscal e ao fato de muitas reformas ainda estarem por completar.

Ao contrário dos bancos que têm interesses diretos e muitas vezes utilizam as previsões como uma forma de apostar num determinado mercado, as agências funcionam de forma supostamente independente. O fato de as agências terem errado em seus prognósticos para a Ásia e para a Rússia também contribuiu para que elas fiquem mais cautelosas. Enquanto não houver uma consolidação do cenário e os ajustes aprovados tiverem seus efeitos absorvidos pela economia, é pouco provável que as agências refaçam suas projeções.

“Os índices atribuídos ao Brasil pelas agências são justos pois na prática nada mudou e há ainda muita coisa a ser feita”, afirmou Amália Estenssoro, do Banco Bilbao Viscaya. “O que mudou foi o sentimento do mercado, apenas. Segundo a economista, o Brasil está indo no “bom caminho”, mas por enquanto o país só adotou medidas paliativas para resolver o problema fiscal. “É preciso diminuir o déficit para sempre, e não só cobrir o sol com a peneira”, disse. (M.B.)